

SOBRE A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA: NOTAS A PARTIR DA PSICOLOGIA JUNGUIANA.

Renata Mota Barbosa^{1*} (PGB), José Clerton de Oliveira Martins² (PD)

1. Universidade de Fortaleza - Mestrando(a) em Psicologia - Bolsista Funcap.
2. Universidade de Fortaleza - Doutor(a) em Psicologia.

Resumo

Carl Gustav Jung (1875-1961) desenvolveu suas pesquisas em diversas áreas do conhecimento e não apenas na perspectiva como médico psiquiatra. A psicologia analítica compreende que o processo artístico ocorre por movimentos conscientes e inconscientes, podendo ser através do inconsciente pessoal e coletivo. Nesse processo dos elementos inconscientes surgem os arquétipos que podem ser imagens, figuras construídas culturalmente e a partir da história de vida de cada pessoa. A partir das pesquisas encontradas, surge uma questão: como podemos apreender a arte e sua experiência, a partir do enfoque da psicologia analítica? Desta forma, o presente artigo teve como objetivo buscar encontrar o lugar da experiência artística na abordagem da psicologia analítica. Assim, seguindo uma abordagem qualitativa e a partir de um estudo exploratório do tipo revisão narrativa da literatura, desenvolvemos o presente estudo. A partir dos achados, inferimos que a psicologia analítica compreende que a experiência com arte se dá a partir de um movimento consciente e inconsciente e que através dos complexos e arquétipos acessados pelos símbolos na arte surgem questões significativas e importantes para qualquer pessoa que esteja aberta a experiência.

Palavras-chave: processo criativo; arte; psicologia analítica; símbolos.

Introdução

Ao longo da história ocidental, principalmente com a ascensão da ciência e pensamento cartesiano, segmentar o pensamento, compreender o corpo como máquina dividido entre razão e emoção, tornaram-se acontecimentos relevantes para a construção de uma sociedade

contemporânea fragmentada. Ao mesmo tempo em que ainda há uma necessidade em manter a compreensão de corpo e mente, razão e emoção como unidade, a sociedade ainda traz resquícios sobre o reducionismo cartesiano (ZAMBONI, 2001).

Alguns teóricos, filósofos e psicólogos considerados modernos tiveram seus trabalhos voltados para a compreensão do corpo e mente como unidade, trazendo a importância de entender esses dois elementos como um só corpo, mostrando a necessidade da integração deles para o entendimento do corpo como um todo.

Carl Gustav Jung (1875-1961) desenvolveu suas pesquisas em diversas áreas do conhecimento e não apenas na perspectiva como médico psiquiatra. Uma das abordagens trabalhadas por Jung foi à arte onde ao longo da sua trajetória aparece em vários de seus textos mais teóricos e também autobiográficos (Colonnese & Freitas, 2018).

Jung (1987) compreende a arte como uma atividade psicológica onde deve ser compreendida por esse viés e por tratar-se de atividade humana provenientes de causas psicológicas é portanto um fenômeno e objeto da psicologia. Apesar de reconhecer a arte como objeto psicológico, Jung em seus textos esclarece que o que pode ser estudado pela psicologia é o fenômeno que aparece no processo criativo do artista, ou seja, o que acontece entre o processo de criação e o criador, não cabendo à psicologia se preocupar em interpretações da obra ou na tentativa de entender o que é a arte (JUNG, 1987).

O pensamento junguiano, acredita que como a sociedade ocidental se desenvolveu com um pensamento cartesiano, a psicologia deve ter o cuidado de estudar a arte não como uma doença e assim o psicólogo precisa assumir uma posição oposta ao modelo racional do pensamento cartesiano. Por tanto a psicologia deve compreender o sentido da obra de arte para quem vive a experiência(JUNG, 1987).

As pesquisas encontradas em arte na visão da psicologia analítica trazem em sua maioria reflexões sobre o sentido da arte e como a mesma se relaciona com as pessoas que a ela estão abertas. A partir das pesquisas encontradas, surge o seguinte problema de pesquisa: Como podemos apreender a arte e sua experiência, a partir do enfoque da psicologia analítica? O presente artigo tem como objetivo buscar apreensões sobre a experiência com arte e psicologia analítica.

Metodologia

Para investigar o problema proposto, este projeto opta por uma metodologia de natureza qualitativa com caráter exploratório a partir de uma revisão narrativa da literatura.

A abordagem qualitativa prioriza o significado acerca do fenômeno em estudo, e os dados são analisados à luz de um enfoque indutivo, compreensivo e interpretativo. Dessa forma, a pesquisa qualitativa mostra ser capaz de contribuir com uma compreensão melhor do fenômeno a partir de uma integração empática com o processo do objeto de estudo (Minayo, 2003). Este estudo assume ainda um caráter exploratório. O tipo de estudo exploratório tem por finalidade aproximar-se de um determinado fenômeno até então pouco explorado, tornando-o mais familiar e

evidente, esclarecendo e aprimorando ideias e os diversos aspectos do objeto de pesquisa (Gil, 2007).

Para a pesquisa narrativa da literatura, foram utilizados bancos de dados como “Google acadêmico” e “SciELO”. No banco do Google acadêmico e SciELO foram utilizadas palavras chave como: arte, psicologia analítica, processo criativo, experiência. Após realizar a leitura dos resumos que abordassem essas temáticas, foram selecionados aqueles que contemplassem a temática sobre processo criativo, arte e psicologia analítica. Além dos artigos científicos, se fez necessário o uso de algumas obras de Jung (1987, 1974).

Resultados e Discussão

A partir das pesquisas percebeu-se uma escassez de artigos que tratassem da compreensão da arte e processo criativo a partir da psicologia analítica. Para melhor compreender a temática e pela escassez de artigos científicos publicados, foram utilizados também algumas obras importantes de Carl Gustav Jung (1875-1961) “O espírito na arte e na ciência” (1987) e “Civilização em transição” (1974).

Para melhor compreensão sobre o tema, os resultados foram divididos por categorias de acordo com os artigos encontrados na literatura. A primeira categoria traz a discussão sobre os conceitos da psicologia analítica: inconsciente coletivo, arquétipos e o simbólico. A segunda categoria é sobre psicologia analítica e a arte e a terceira e última categoria sobre o receptor da obra. A seguir as categorias mais citadas durante a pesquisa na literatura.

Inconsciente coletivo, Arquétipos e o Simbólico.

Falar do inconsciente e consciente não é uma separação de elementos, na verdade ambos fazem parte do que a psicologia analítica compreende por psique. É possível perceber sentir, agir também de forma inconsciente. Apesar disso o campo inconsciente da psique pode não ser compreendido diretamente, mas existe a possibilidade de conhecê-lo a partir de atividades conscientes que são exercidas por fenômenos inconscientes (Jung, 1974).

Jung (2006), introduz os principais conceitos trabalhados na psicologia analítica e que posteriormente servirá para compreender o processo criativo. Sabe-se que o inconsciente são processos que o eu consciente não acessa, o exemplo mais comum são os sonhos. Na psicologia analítica além de trabalhar com o consciente e inconsciente, também existe a diferenciação entre um inconsciente pessoal e coletivo. O inconsciente pessoal é formado por aprendizados da existência humana, ou seja, tudo aquilo que de alguma forma pôde ser percebido, esquecido, reprimido, sentido e pensado de maneira subliminar (Jung, 2006).

Além desse processo do inconsciente pessoal há também os conteúdos herdados de contextos mitológicos, de uma tradição histórica, por exemplo, imagens, símbolos, figuras típicas que aparecem frequentemente (figura do pai, de um mago, herói, mãe, criança, etc.) e essas figuras são chamadas de arquétipos (Jung, 2006).

Os arquétipos são estruturas herdadas e inatas referentes a comportamentos específicos do humano e são expressos por ações típicas similares em todos os seres humanos e por tanto instintivos. Tais instintos podem ser percebidos apenas internamente na psique, ou seja, sentimentos, emoções, imagens míticas e ideias mitológicas que são semelhantes a todos os seres humanos. Por tanto, os arquétipos que formam o inconsciente coletivo são elementos primitivos da mente e da cultura e quando “ativado” no sujeito pode tornar-se um grande processo criativo, formas de criações de existência (Von Franz, 1999).

Muitas dessas imagens arquetípicas podem estar relacionadas a um movimento primitivo, porém, a sua forma de se manifestar no sujeito pode também estar ligada ao contexto que ele está inserido. Por exemplo, hoje muitas pessoas se encontram em situações ditas patológicas, mas em outros tempos essas situações eram comuns não sendo denominadas como doença ou perturbações psíquicas, por tanto, a forma como a sociedade vai olhar, observar e nomear algumas situações estão ligadas a realidade social que se está inserido. Esses conflitos coletivos trazem o caos para a sociedade, onde as pessoas podem ou ficam estagnadas ou encontrar uma nova forma de existir diante desses conflitos tanto em um nível individual e coletivo, causando motivações e renovações criativas (Von Franz, 1999).

Psicologia analítica e Arte.

Falar em arte em uma perspectiva junguiana é compreender que a obra, o processo artístico e criativo não é apenas um produto ou um resultado, mas uma reestruturação criativa, o seu sentido faz parte de sua essência (Jung, 1987).

A psicologia analítica para compreender o fenômeno da arte, parte da perspectiva simbólica das obras de arte propondo seu simbolismo, ou seja, como a obra se constitui de um símbolo ela é criada entre a consciência e o inconsciente (Colonnese & Freitas, 2018).

O processo criador de símbolos foi denominado de função transcendente, porém, não como característica da metafísica, mas pela situação de que é por essa função que é possível o acesso entre uma atitude e outra. Por tanto, o símbolo atinge o que é consciente e inconsciente e a criação com a arte abrange a experiência do que pode ser dito ou não dito, de vazios e reconhecimentos tanto no aspecto consciente quanto inconsciente (Colonnese & Freitas, 2018).

A arte não deve ser tratada como algo estático, paralisado, já que o foco não é a obra em si, mas a experiência entre obra e sujeito podendo ser o sujeito artista, espectador, pesquisador. O importante é perceber o que ocorre no encontro entre a obra e o outro, entendendo também o contexto em que essa experiência acontece (Colonnese & Freitas, 2018).

O símbolo trabalhado na psicologia analítica diz respeito ao que na verdade está por trás do que é possível ver, tocar, por tanto, a arte, a obra, o processo não deve ser interpretado e o que deve ser compreendido é o que está para além da imagem: o símbolo. Esse símbolo é construído através da nossa história individual e coletiva e como já colocado, inconscientemente. A ação consciente é a ação de realizar alguma atividade artística, porém, o que irá aparecer simbolicamente na obra é um movimento inconsciente e o que de fato podemos compreender a partir das representações arquetípicas (Gaillard, 2010).

A obra é o símbolo que por sua vez se apresenta inconsciente e consciente, por tanto, existe um movimento inesgotável de sentidos sobre a obra, não se esgota em uma única interação, ou seja, o símbolo, a obra por mais estática que possa parecer se mostrará sempre com movimento, fluidez, com sentidos e significados (Colonnese & Freitas, 2018).

O receptor da obra

O receptor da obra pode ser compreendido tanto na percepção do espectador, do artista ou pesquisador. Aquele que recebe a imagem, a experiência artística. A arte pode ativar elementos inconscientes que podem trazer certa confusão consciente ao receptor, dificultando também sua interação com uma obra. Para isso, Colonnese & Freitas (2018), a partir da teoria da psicologia analítica entendem que tal confusão pode estar relacionada à ativação dos complexos de cada sujeito. Trazendo situações que não são comuns ao receptor, provocando reações afetivas.

Os complexos são compreendidos como associações psíquicas inconscientes que provocam afetações, ou seja, fantasias, recordações, figuras, imagens, percepções que estão amontoados em um mesmo espaço e que estão ocultos até o momento em que são afetados por algum estímulo. Quando ocorre esse episódio o sujeito se depara com complexos que podem ser angustiantes para a sua consciência (Colonnese & Freitas, 2018).

Apesar das possibilidades de afetos desconhecidos pelo receptor, acredita-se que tal processo de recepção ou criação da obra acontece a partir de uma ativação inconscientemente dos arquétipos e na experiência com a obra em si acabada. A experiência com a arte tanto como receptor ou criador acontece acessando elementos inconscientes até o processo de execução e assimilação a partir da interação com a obra fazendo com que o receptor alcance suas profundezas de um lugar novo, ou seja, a obra de arte surge como uma expressão arquetípica que pode causar no receptor, efeitos importantes (Colonnese & Freitas, 2018).

O processo criativo possibilita a obra de arte tornar-se um símbolo onde questões do inconsciente pessoal e coletivo estão sendo processados sempre em conjunto. Isso remete ao senso de coletivo para a psicologia analítica, assim, a criatividade que emerge na arte mostra maneiras de lidar com a psique humana. Durante o processo criativo, os sujeitos entram em contato com questões que podem ser reconhecidas ou não, possibilitando que o que era desconhecido na sua psique comece a ganhar forma, ressignificados (Barcellos, 2004).

Conclusão

Trazer uma discussão sobre a psicologia analítica e a arte em tempos contemporâneos pode não parecer fácil. O fato de por estarmos inseridos em uma sociedade de cultura ocidental onde aprendemos a fragmentar quase tudo dificulta a compreensão e a pesquisa quando se trata de temas tão sensíveis e quase invisíveis como a arte e os conceitos junguianos. A psicologia analítica acredita em um sujeito que se constitui individualmente e coletivamente, por tanto, a experiência com a arte está ligado diretamente com aspectos da vida pessoal, mas

também cultural e coletiva das pessoas. Percebeu-se uma escassez significativa em artigos que trazem uma discussão sobre o processo criativo da arte e a psicologia analítica.

Apesar de não haver muitos artigos publicados que discutam esse tema, os resultados encontrados e com o que foi discutido no presente artigo, conclui-se que a psicologia analítica compreende a experiência com a arte tanto do espectador quanto do artista como um movimento consciente e inconsciente e que a partir dos complexos e arquétipos acessados a partir dos símbolos, pode trazer questões significativas e importantes para qualquer pessoa que esteja aberta a experiência e o mergulho em si independente da expressão artística utilizada.

Referências

- BARCELLOS, G. **Jung, junguianos e arte: uma breve apreciação**. *Proposições*, 15(1), 27-38 (2004).
- COLONNESE, L. R.; FREITAS, L. V. **Psicologia analítica e estética da recepção**. *Psicologia USP*, 29(3), 354-362. (2018).
- GAILLARD, C. **Jung and the arts**. *Pro-Posições*, 21(2), 121-148. (2010).
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas. (2007).
- HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes. (2015).
- JUNG, C. G. **Civilização em transição**. Petrópolis, RJ: Vozes. (1974).
- JUNG, C. G. **O espírito na arte e na ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes. (1987).
- JUNG, E. **Animus e Anima/5º reimpressão da 1º edição de 1991**—São Paulo. (2006)
- MINAYO, M. C. **Pesquisa Social: Teoria método e criatividade**. Petrópolis: Vozes. (2003).
- VON FRANZ, M. L. . **Archetypal dimensions of the psyche**. Shambhala Publications. (1999).
- ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte um paralelo entre arte e ciência**. Campinas, SP: Editora Autores Associados. (2001).

Agradecimentos

Agradeço a Universidade de Fortaleza pelos ricos momentos onde compartilhamos nossas pesquisas, a Funcap pela bolsa concedida e ao Laboratório Otium por todos os aprendizados e experiências.